

## MUITO ALÉM DA FARDA: BOMBEIRO MILITAR, UM SER HUMANO INVISÍVEL

Alberto Silva Dos Santos<sup>1</sup>

Ana Clara Bonfim Santo<sup>2</sup>

Diego Fernandes Santos Silva<sup>3</sup>

Emily Thalita Santos Paixão<sup>4</sup>

Gibran Corrêa Dos Santos<sup>5</sup>

José Ribamar De Barros Júnior<sup>6</sup>

Leandra Manúlia Paiva<sup>7</sup>

Sergio Tiago Carvalho Dos Santos<sup>8</sup>

DOI-Geral: <http://dx.doi.org/10.47538/RA-2025.V4N4>

DOI-Individual: <http://dx.doi.org/10.47538/RA-2025.V4N4-64>

**RESUMO:** Este trabalho tem como objetivo revelar a realidade humana por trás da figura do bombeiro militar. Além da imagem institucional, muitas vezes rígida e impessoal, há indivíduos que carregam um turbilhão de sentimentos, emoções e necessidades que, frequentemente, ficam em segundo plano enquanto a instituição é priorizada. Pretende-se refletir sobre como a rotina e as responsabilidades associadas ao uso da farda podem impactar a vida pessoal, familiar, social e financeira dos militares do Corpo de Bombeiros Militar do Estado do Pará (CBMPA). A análise será desenvolvida a partir de revisão bibliográfica e pesquisa quantitativa, utilizando os dados e estatísticas de atendimentos psicológicos realizados pela Diretoria de Saúde do CBMPA nos anos de 2023 e 2024. Essa compilação busca evidenciar a importância da empatia e da solidariedade para com esses profissionais, bem como propor estratégias institucionais que promovam, de forma eficaz e consistente, práticas de prevenção e apoio. O objetivo final é proteger o recurso mais valioso da corporação: seu capital humano.

**PALAVRAS-CHAVE:** bombeiro militar. Saúde mental. Capital humano. Empatia. Políticas institucionais.

**BEYOND THE UNIFORM: the military firefighter as an invisible human being**

**ABSTRACT:** This paper aims to demonstrate the reality of the human being behind the uniformed figure. Behind this institutional image, often severe and impersonal, lies an

<sup>1</sup> Graduado em Direito pelo Centro Universitário da Amazônia – UNIFAMAZ.

<sup>2</sup> Graduanda em Análise e Desenvolvimento de Sistemas pela Universidade Paulista, Voluntária Civil do Corpo De Bombeiros.

<sup>3</sup> Graduado em Direito pelo Centro Universitário da Amazônia – UNIFAMAZ.

<sup>4</sup> Graduado em Direito pelo Centro Universitário da Amazônia – UNIFAMAZ.

<sup>5</sup> Bacharel em Direito, Graduado pela Universidade da Amazônia, 2º Sargento do Corpo de Bombeiros Militar.

<sup>6</sup> Bacharel em Direito, Especialista pela Faculdade de Belém, 3º Sargento do Corpo de Bombeiros Militar.

<sup>7</sup> Farmacêutica e Bioquímica. Especialista em Análises Clínicas pela Universidade Federal do Pará (UFPA), 3º Sargento do Corpo de Bombeiros Militar.

<sup>8</sup> Licenciado em História, Graduado pela Universidade Estácio de Sá, 3º Sargento do Corpo de Bombeiros Militar.

individual carrying a whirlwind of feelings, emotions, and needs that are frequently relegated to the background while the institutional image is prioritized. We will highlight how the routine and responsibilities inherent in wearing the uniform can affect the personal, family, financial, and social lives of military personnel, based on quantitative research conducted by the CBMPA Health Directorate. These surveys aim to demonstrate the importance of recognizing the human being, showing greater empathy and humanity, as behind this uniform often lies a human being in need of care and attention.

**KEYWORDS:** military routine. Mental health. Emotional burden. Personal. Emotional life.

## INTRODUÇÃO

A farda, desde os tempos mais antigos, simboliza liderança, ordem, dever e respeito. Seja no campo de batalha, nas ruas das cidades ou nos corredores dos hospitais, o uniforme representa mais do que uma simples vestimenta: ele personifica autoridade e responsabilidade. Entretanto, esse símbolo de poder pode, paradoxalmente, anular a singularidade de quem o usa. Por trás da rigidez dos uniformes, há homens e mulheres que carregam medos, cansaço, dores e histórias pessoais. Reconhecer essa dimensão humana torna-se urgente numa sociedade cada vez mais exigente, que costuma esquecer a humanidade dos seus servidores.

Em muitos contextos, profissionais fardados são desumanizados e reduzidos a meras peças da engrenagem social. Policiais, por exemplo, são frequentemente percebidos como máquinas de repressão, ignorando os dilemas éticos e psicológicos que enfrentam cotidianamente. Bombeiros, embora celebrados como heróis, costumam calar-se diante de traumas emocionais, desgaste físico e falta de apoio institucional. O mito do herói invulnerável é cruel, pois ignora que, sob a farda, pode existir um corpo cansado e uma mente sobrecarregada.

A saúde mental desses profissionais constitui uma das áreas mais negligenciadas pelas corporações e pelos governos. Estudos recentes apontam elevados índices de depressão e ansiedade entre bombeiros e policiais (Silva, 2022; Gonçalves, 2023). A pressão para manter uma imagem de força e invulnerabilidade dificulta o acesso à assistência psicológica; o medo de represálias ou julgamentos transforma muitos em vítimas silenciosas. Esse panorama evidencia a necessidade de políticas públicas no âmbito das instituições que garantam auxílio psicológico, condições de trabalho dignas e espaços de escuta humanizada.

## A FARDA: O SÍMBOLO E O PESO

A farda vai muito além de um simples tecido: trata-se de um símbolo vivo de poder e de função social. Em instituições fundadas na hierarquia e na disciplina, o uniforme representa um emblema de autoridade, ordem e, sobretudo, confiança. Para a sociedade, a pessoa que veste a farda deixa de ser vista como indivíduo comum e passa a encarnar a própria instituição, tornando-se um refúgio de ordem em meio ao caos.

Desde as civilizações mais antigas, diferentes grupos estatais utilizavam vestimentas distintivas – roupas sacerdotais, armaduras de guerreiros, trajes de governantes – para marcar autoridade e comando. Essa tradição histórica demonstra que a diferenciação visual sempre esteve imbuída de poder (Silva, 2021).

Nos Corpos de Bombeiros Militares, a farda representa o “anjo da guarda” que chega ao som das sirenes para trazer alívio. Contudo, por trás desse símbolo, há seres humanos. Cada chamada representa um universo de incertezas; cada operação pode gerar trauma, risco físico e desgaste mental. A expectativa de ser sempre forte, de nunca vacilar, cria uma carga que poucos conseguem compreender. Os bombeiros carregam nos ombros a responsabilidade de ser alicerce para todos, enquanto, internamente, lidam com medos, dores e o desgaste natural de quem vive sob constante pressão (Pereira, 2022).

Assim, a farda que para a sociedade simboliza salvação, para o bombeiro militar significa dever – um dever honroso que cobra um preço íntimo e muitas vezes invisível. Quando, ao final do dia, a farda é pendurada, permanecem a lembrança do que foi vivido, a responsabilidade cumprida e, também, o peso do que ficou silenciado.

## INDIVISIBILIDADE DO INDIVÍDUO

Quando a sociedade reduz o indivíduo à sua função, esquecendo sua humanidade, surgem transtornos psicológicos, isolamento social, perda de identidade e prejuízos nos relacionamentos. Reconhecer o ser humano invisível por trás da farda cria condições para uma sociedade mais empática, pois a visibilidade das necessidades emocionais desses profissionais permite o desenvolvimento de políticas de apoio adequadas.

Profissionais fardados são frequentemente expostos a situações extremas, carregando pressões emocionais e psicológicas que, muitas vezes, são ignoradas. Um estudo da Organização Mundial da Saúde (OMS, 2023, p. 12) destaca que “os

profissionais de serviços essenciais enfrentam altos níveis de estresse e burnout, agravados pela falta de apoio emocional e reconhecimento humano”. Essa falta de apoio favorece a internalização da visão de que são “máquinas de serviço”, dificultando o acesso a ajuda emocional.

O bombeiro militar ocupa, socialmente, um dos cargos mais admirados entre as profissões. Segundo pesquisa do Datafolha (2022), 97 % da população brasileira confia nos bombeiros<sup>1</sup>. Contudo, esse status de herói cria uma armadura simbólica que pode sufocar a individualidade e a expressão emocional desses profissionais. Assim, a indivisibilidade se manifesta quando a identidade institucional sobrepõe-se à identidade pessoal, gerando sofrimento psicológico e social.

## A CULTURA DO SILÊNCIO E A SAÚDE MENTAL

A cultura do silêncio ainda predomina nas corporações militares. Expressar fragilidade, medo ou angústia costuma ser interpretado como fraqueza, desestimulando a busca por ajuda. Nesse sentido, Foucault (1975) descreve que o controle sobre corpos e mentes nas instituições disciplinares ocorre por meio da vigilância constante e do julgamento interno, configurando um mecanismo de normalização que marginaliza a vulnerabilidade (p. 23).

A literatura sobre organizações de segurança associa a cultura do silêncio a três fatores principais:

Autocensura – agentes evitam relatar situações de risco psicológico por medo de retaliação ou de serem rotulados como “fracos” (Carvalho; Lopes, 2021).

Pressão por desempenho – metas de produtividade e a necessidade de resposta imediata reforçam a ideia de que “não há tempo para sentimentos” (Martins, 2020).

Os dados disponíveis demonstram que essa cultura tem consequências graves para a saúde mental dos bombeiros. Lipp e Rocha (2018) identificaram que 36 % dos bombeiros brasileiros apresentam sintomas de Transtorno de Estresse Pós-Traumático (TEPT). A OMS (2023) aponta que 38 % desses profissionais sofrem de burnout, quase três vezes a taxa observada na população geral (IBGE, 2023). O IBGE (2023) revela ainda que 22 % dos bombeiros apresentam depressão, enquanto Souza et al. (2022) registram prevalência de ansiedade generalizada em 19 % desse grupo. Silva e Lima (2021) apontam que 7 % dos bombeiros relataram ideação suicida no último ano.

Esses números indicam que os bombeiros têm taxas de sofrimento mental duas a três vezes superiores à média da população adulta brasileira (IBGE, 2023).

Comparativamente, a situação não é exclusiva do Brasil. Nos Estados Unidos, 31 % dos bombeiros relatam sintomas de TEPT (NIJ, 2022) e, no Canadá, 35 % apresentam burnout moderado a grave (CCPA, 2021). Essa convergência internacional evidencia que a cultura do silêncio é um padrão estrutural em corporações de emergência.

Além dos efeitos individuais, a cultura do silêncio impacta a operação institucional. O absenteísmo relacionado à saúde mental aumentou 12 % nas licenças médicas (CBMPA, 2024). O turnover também sofreu elevação, com 15 % de desistência precoce de novos recrutas atribuída à falta de suporte emocional (Mendes; Oliveira, 2020). Ademais, há correlação negativa entre níveis de burnout e tempo médio de resposta a emergências, comprometendo a qualidade do serviço prestado (Costa et al., 2022).

## O CORPO DE BOMBEIROS MILITAR

Os Corpos de Bombeiros Militares são corporações estatais previstas na Constituição Federal de 1988, cuja missão principal consiste na execução de atividades de defesa civil, prevenção e combate a incêndios, buscas, salvamentos e socorros públicos nas respectivas unidades federativas, integrando o Sistema de Segurança Pública e Defesa Social do Brasil (Brasil, 1988).

No Estado do Pará, o Corpo de Bombeiros Militar (CBMPA) foi fundado em 1882 e, segundo o Almanaque da Corporação (jan. 2025), conta com 2.681 militares. Destes, 2.466 exercem a atividade-fim nos grupamentos distribuídos por diversas regiões do Estado, enquanto 215 permanecem agregados a outros órgãos da administração pública direta, desempenhando funções de natureza militar. Além desses, 301 militares encontram-se na condição de “convocados” da Reserva Remunerada (veteranos), sendo acionados para funções específicas de interesse da administração pública devido à necessidade de servidores especializados e experientes.

Para o ingresso na corporação, os candidatos são submetidos a diferentes tipos de avaliação, dentre as quais se destaca o exame psicológico. Entende-se que a saúde mental do egresso é requisito básico para o exercício das atividades inerentes à profissão de bombeiro militar ao longo de toda a carreira. Nesse contexto, o Anuário Brasileiro de Segurança Pública (2024) revelou que, em 2023, mais policiais cometeram suicídio do

que morreram em confronto violento – dado alarmante que demonstra como a pressão constante da atividade impacta o ser humano submetido a esse tipo de função (Anuário De Segurança Pública, 2024).

A atividade de bombeiro militar produz altos índices de estresse provocados pelas diversas situações de perigo, violência ou morte que afetam os militares expostos. Segundo Brito et al. (2018), a atividade de mergulho de resgate é um dos serviços mais estressantes atribuídos aos bombeiros militares, especialmente no cenário paraense, caracterizado por águas turvas, baixa visibilidade e risco elevado de mortalidade. Pinheiro et al. (2018) enfatizam que, nessas condições, as exigências sobre o profissional aumentam: “Lidar com o risco perpassa pela necessidade de aprender sobre e conviver com ele; o aprendizado só é possível através do treinamento intenso e constante da técnica e do emocional, a fim de preparar para o que está por vir” (Pinheiro et al., 2018, p. 23).

Além do risco funcional, outras adversidades de cunho institucional contribuem para a insatisfação dos militares especializados. Brito et al. (2018) apontam que as principais dificuldades — falta de perspectiva profissional e sobrecarga de trabalho — decorrem de uma esfera macro institucional, resultante de uma estrutura organizacional hierarquizada e pouco flexível, típica das normas militares. Essa estrutura está relacionada ao efetivo reduzido, que, devido à natureza e aos riscos do serviço, vem sendo progressivamente esvaziado ao longo dos anos e ainda não foi plenamente reposto.

O exercício das funções desempenhadas pelos bombeiros militares expõe esses profissionais a elevados riscos físicos e psicológicos. As atividades de resgate frequentemente envolvem situações traumáticas, esforço físico intenso, exposição a ambientes insalubres e longas jornadas de trabalho, resultando em significativo desgaste físico e emocional. No combate a incêndios, a imprevisibilidade do fogo e o colapso de estruturas ampliam as ameaças à vida, ocasionando, ao longo da carreira, doenças ocupacionais e transtornos psicológicos decorrentes da exposição crônica ao estresse. Ademais, tarefas como a condução de viaturas em deslocamentos emergenciais impõem elevada responsabilidade jurídica e financeira, podendo gerar pressões adicionais que comprometem a saúde mental, financeira e a eficiência operacional do profissional.

Diante desse cenário, analisou-se como a Diretoria de Saúde do CBMPA atuou para mitigar, prevenir ou minimizar os efeitos mentais nocivos decorrentes da atividade policial-militar no período de 2023-2024.



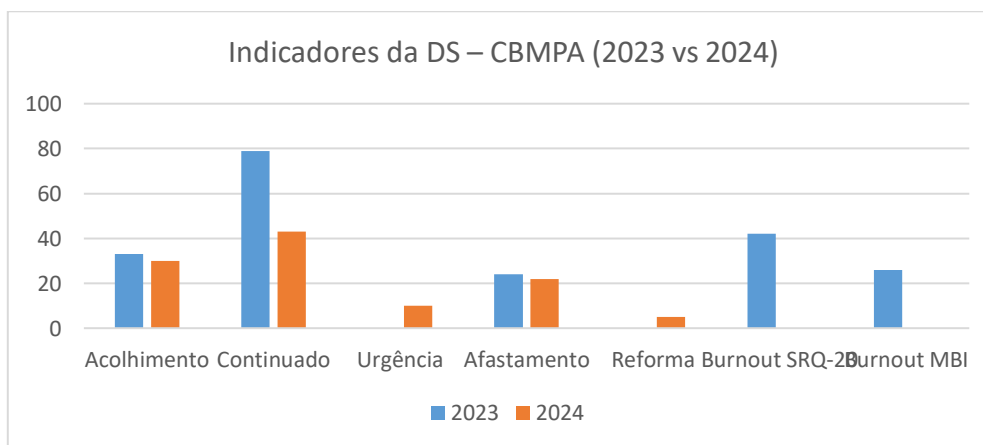
Em 2023, o Setor Psicossocial atendeu 116 militares (33 acolhimentos e 79 acompanhamentos continuados), representando menos de 10 % do efetivo total. Em 2024, o número total de atendimentos diminuiu para 94, com queda nos acompanhamentos continuados (43 casos) e surgimento de 10 atendimentos de urgência e 30 de acolhimento, indicando a persistência de demandas agudas.

Quanto ao afastamento do serviço operacional por motivos de saúde mental, observou-se redução de 24 militares em 2023 para 22 em 2024. Em 2023, a DS desenvolveu o projeto “Saúde e Bem-estar”, que identificou a Síndrome de Burnout em 42 militares (20 %) segundo o SRQ-20 e em 26 (12 %) segundo o MBI. Em 2024, não foram registrados novos casos de Burnout.

Nenhum militar foi desligado permanentemente em 2023; em 2024, foram registrados cinco casos de reforma decorrentes de abalo mental.

Nesse espaço amostral podemos perceber a redução geral nos atendimentos indicando que a maioria do efetivo não recorre aos serviços psicossociais ou que houve diminuição na procura ou encaminhamento, bem como a persistência de demandas agudas e a estabilidade nos afastamentos indicando que, embora menos atendimentos tenham ocorrido, os problemas que exigem afastamento permanecem relativamente constantes.

Figura 1: Indicadores da DS – CBMPA (2023 vs 2024)



A assistência psicossocial prestada pela Diretoria de Saúde ocorre de forma contínua, inclusive após o término da carreira, beneficiando militares da reserva remunerada ou reformados e promove campanhas periódicas sobre o tema em questão.

## EMPATIA COMO FERRAMENTA DE RECONHECIMENTO

Enxergar além da farda exige empatia – um valor aparentemente simples, porém escasso em sociedades orientadas pela produtividade e pela aparência. Carl Rogers afirmava que “ser empático é ver o mundo com os olhos do outro e não ver o nosso mundo refletido nos olhos dele” (Rogers, 1961, p. 73). Emmanuel Lévinas sustenta que “a ética começa quando o outro me obriga a sair de mim mesmo” (Lévinas, 1961, p. 71). Reconhecer o outro como sujeito, e não apenas como papel institucional, constitui o ponto de partida para uma relação verdadeiramente humana.

É preciso reconhecer o cansaço, o medo, a tristeza e a esperança do outro como passos essenciais para romper a barreira da invisibilidade. Quando a sociedade compreende que o profissional de segurança não é invulnerável, mas humano, cria-se um espaço mais saudável para o diálogo, o apoio e a valorização genuína.

Observou-se que, embora muitos militares relatem problemas de ordem psicológica, a procura por redes de apoio ou por tratamentos especializados permanece reduzida, tanto no âmbito interno quanto externo da instituição.

Um aspecto relevante identificado refere-se à importância do papel das chefias de guarnições e dos comandantes de socorro. Recomenda-se que esses líderes incentivem seus subordinados a buscarem apoio especializado em saúde mental, sobretudo quando se tornarem perceptíveis os impactos psicológicos decorrentes do atendimento a ocorrências de caráter traumático.

Dessa forma, reforça-se a necessidade de implementar políticas institucionais de prevenção e acompanhamento psicológico no Corpo de Bombeiros Militar do Pará (CBMPA), como estratégia para mitigar os riscos psicossociais inerentes à atividade de bombeiro militar e, assim, promover a saúde e a qualidade de vida da tropa.

Um dos aspectos centrais para a saúde mental dos bombeiros militares, apontado por Brito et al (2021), é o reconhecimento profissional ligado à promoção funcional. Essa combinação tende a melhorar as condições salariais e a conferir maior prestígio social ao militar. Contudo, alcançar esse reconhecimento depende de um conjunto de requisitos – institucionais e individuais – que influenciam tanto a progressão na carreira quanto a qualidade de vida psicológica.

Diante disso, propomos as seguintes possibilidades:



1. Inserção de testes psicológicos periódicos e acompanhamentos anuais para preenchimento de parâmetros (obrigatórios ou como bonificação na ficha de desempenho profissional) que subsidiem a ascensão funcional;

2. Obrigatoriedade de acompanhamento psicológico para guarnições que participaram de ocorrências de nível 2 e 3, conforme a NSAPO;

3. Descentralização do setor psicossocial com a criação de núcleos em todos os Comandos Regionais, previsto na Nova Lei de Organização Básica do CBMPA, possibilitando a contratação de militares especialistas em saúde mental e a celebração de termos de cooperação com outras instituições.

Embora o acompanhamento remoto – como a plataforma “Escuta SUSP”<sup>9</sup> – seja viável, destaca-se a importância do serviço presencial para garantir a eficácia do suporte psicológico.

As avaliações psicológicas de forma anual ou bienal, cujos resultados seriam incorporados a um registro de desempenho que serviria como critério para promoção ou bonificação permitiriam detectar, precocemente, sinais de desgaste emocional, orientar intervenções preventivas antes que o problema se agrave e oferecer subsídios objetivos para decisões de carreira.

A inspeção de saúde e o teste de aptidão física continuam requisitos indispensáveis para a promoção dentro da carreira militar; entretanto, enquanto a avaliação psicológica é obrigatória no ingresso, passa a ser facultativa ao longo da trajetória profissional. Propõe-se, portanto, tornar obrigatória, no momento da promoção, a apresentação de uma avaliação psicológica simples, composta por um auto questionário curto, uma entrevista estruturada conduzida por psicólogo da corporação e um relatório padronizado que sintetize os resultados e indique, quando necessário, encaminhamento para tratamento especializado. Mesmo que superficial, essa avaliação garante que a condição psicológica do militar seja considerada nas decisões de ascensão funcional.

O Decreto nº 1.052, de 23 de setembro de 2020, que institui a NSAPO (normas ou procedimentos para os serviços administrativos, preventivos e operacionais a serem adotados pelo Bombeiro Militar e os organismos da Corporação nas atividades diárias), classifica as ocorrências em três níveis de gravidade. Os níveis 2 e 3 correspondem,

<sup>9</sup> Programa Gratuito do Ministério da Justiça e Segurança Pública que oferece atendimento psicológico online para profissionais da Segurança Pública do Brasil.

respectivamente, a sinistros de complexidade média e alta complexidade. As ocorrências de nível 2 envolvem danos moderados à propriedade — como incêndio em residência de até dois pavimentos, pequeno vazamento químico ou acidente de trânsito com feridos leves — e exigem recursos intermediários e risco limitado a vítimas leves. Já as de nível 3 apresentam danos extensos ou críticos — como incêndio em edifício de vários pavimentos, explosão industrial ou derramamento de produtos tóxicos em larga escala — demandando múltiplas equipes, recursos avançados e apresentando risco elevado de vítimas graves ou fatais. Nessas situações, a resiliência dos profissionais é posta à prova, pois aumentam exponencialmente os fatores de risco, sobretudo quando há presença de vítimas fatais ou graves. O apoio psicológico, tanto em casos de sucesso quanto de insucesso, pode aliviar o impacto emocional e prevenir o desenvolvimento de transtornos pós-traumáticos.

Para implementação dessas medidas, é necessária a incorporação de militares especialistas em saúde mental e a celebração de termos de cooperação com instituições externas, como hospitais universitários e centros de referência em saúde ocupacional. Também se recomenda a criação de núcleos psicossociais em cada comando regional, integrados ao sistema de gestão de carreira, de modo que a avaliação psicológica obrigatória esteja vinculada ao processo de promoção. Finalmente, capacitar lideranças para reconhecer sinais de sofrimento e acionar o suporte adequado reforçará a cultura de cuidado dentro da corporação, assegurando que o bem-estar psicológico seja tão valorizado quanto a aptidão física, contribuindo para a saúde mental, a eficiência operacional e a qualidade de vida dos bombeiros militares.

## CONCLUSÃO

É urgente repensar a forma como enxergamos os bombeiros militares. Não se trata apenas de rever políticas institucionais, mas de promover uma mudança cultural que reconheça a humanidade desses profissionais. Como afirma o filósofo Emmanuel Lévinas (1980), “o outro me obriga antes mesmo de qualquer contrato”. A simples existência do outro impõe uma responsabilidade ética de cuidado e respeito.

Ao abandonar o juízo simplista e adotar um olhar mais compreensivo, passa-se a reconhecer o ser humano por trás do uniforme. Essa mudança permite uma convivência

mais empática, justa e respeitosa, que valoriza o profissional sem negar a pessoa que o compõe.

Pierre Bourdieu (1996) lembra que “o reconhecimento simbólico não supre a ausência de reconhecimento material”. Ser celebrado como herói não paga contas, nem garante condições dignas de trabalho ou políticas públicas de proteção à saúde física e mental. Essa disparidade entre o reconhecimento simbólico e a valorização concreta alimenta o sofrimento silencioso de milhares de bombeiros militares.

Enxergar o bombeiro além da farda é um ato de justiça social. Significa admitir que, mesmo diante do fogo, das tragédias e dos salvamentos, há um ser humano que também precisa ser salvo do abandono, do silêncio e da invisibilidade.

O bombeiro militar é mais do que a imagem de coragem que a sociedade projeta. Ele é pai, mãe, filho, filha; sente medo, dor, tristeza — emoções legítimas e humanas. Enquanto continuarmos tratando esses profissionais apenas como heróis inquebráveis, perpetuaremos sua desumanização e invisibilidade.

Portanto, é imprescindível criar espaços seguros de escuta e acolhimento, promover políticas públicas eficazes de saúde mental e garantir condições de trabalho dignas. Só assim poderemos honrar verdadeiramente aqueles que se dedicam, dia após dia, a proteger vidas.

## REFERÊNCIAS

ANUÁRIO DE SEGURANÇA PÚBLICA (2024). Estatísticas de suicídio e mortalidade em agentes de segurança. São Paulo: Instituto de Pesquisa de Segurança.

BRASIL. Ministério da Justiça e Segurança Pública. Secretaria Nacional de Segurança Pública. **Escuta SUSP: atendimento psicológico para profissionais da segurança pública**. Brasília, DF, 2025. Disponível em: <https://www.gov.br/mj/pt-br/assuntos/sua-seguranca/seguranca-publica/escuta-susp>. Acesso em: 08 set. 2025.

BRITO, L. et al. (2018). Impactos psicossociais nas equipes de resgate. *Revista Brasileira de Saúde Ocupacional*, 23(4), 112-129.

BOURDIEU, Pierre. O poder simbólico. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1996.

CCPA (2021). Burnout entre bombeiros canadenses. Toronto: Canadian Centre for Psychological Assessment.

CARVALHO, M.; LOPES, R. (2021). Auto-censura e saúde mental nas corporações militares. *Journal of Military Psychology*, 12(2), 45-60.

CORPO DE BOMBEIROS MILITAR DO ESTADO DO PARÁ. Relatório de atendimentos do Serviço de Assistência Psicossocial (SAPS) – 2023 e 2024. Processo Administrativo Eletrônico nº 2025/3170439. Belém, 2025. Disponível em: <https://www.sistemas.pa.gov.br/validacao-protocolo>. Acesso em: 08 set. 2025.

COSTA, J. et al. (2022). Relação entre burnout e tempo de resposta a emergências. *International Journal of Emergency Services*, 9(1), 78-92.

DATAFOLHA (2022). Pesquisa de confiança da população nos bombeiros. Rio de Janeiro: Datafolha Institute.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia do Oprimido*. 60. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2021.

FOUCAULT, M. (1975). *Vigiar e Punir*. São Paulo: Editora Perspectiva.

IBGE (2023). *Saúde mental da população brasileira*. Brasília: Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística.

LÉVINA, E. (1980). *Totalidade e Infinito*. São Paulo: Editora Vozes.

LIPP, M. E. N.; ROCHA, C. B. da. Estresse pós-traumático em bombeiros militares: prevalência e fatores de risco. *Revista de Psicologia da Saúde*, v. 10, n. 2, 2018.

MARTINS, A. (2020). Pressão por desempenho nas forças de segurança. *Revista de Administração Pública*, 54(3), 321-339.

NIJ (2022). *Prevalência de TEPT em bombeiros norte-americanos*. Washington, D.C.: National Institute of Justice.

ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DA SAÚDE. *Saúde mental e apoio psicossocial em emergências: guia de campo interagências*. Genebra: OMS, 2020. Disponível em: <https://www.who.int>. Acesso em: 11 ago. 2025.

PINHEIRO, F. et al. (2018). Mergulho de resgate: desafios psicológicos. *Revista de Operações de Resgate*, 5(1), 21-34.

ROGLERS, C. (1961). *On Becoming a Person*. Boston: Houghton Mifflin.

SILVA, A. (2021). História das vestimentas de autoridade. *História & Cultura*, 18(2), 87-102.

SILVA, B. (2022). *Saúde mental de policiais e bombeiros no Brasil*. São Paulo: Editora Saúde Pública.

Submissão: julho de 2025. Aceite: agosto de 2025. Publicação: dezembro de 2025.